

A voz do estudante na
educação pública: um
estudo sobre participação
de jovens por meio do
grêmio estudantil

Francisco André Silva Martins

A voz do estudante na educação pública: um estudo sobre participação de jovens por meio do grêmio estudantil

1ª Edição

São Carlos / SP

Editora De Castro

2022

Conselho Editorial:

Profª Drª Adriana Garcia Gonçalves
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Prof. Dr. Alonso Bezerra de Carvalho
Universidade Estadual Paulista – Unesp
Prof. Dr. Antenor Antonio Gonçalves Filho
Universidade Estadual Paulista – Unesp
Profª Drª Bruna Pinotti Garcia Oliveira
Universidade Federal de Goiás – UFG
Profª Drª Célia Regina Delácio Fernandes
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD
Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Prof. Dr. Fernando de Brito Alves
Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP
Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira
Universidade Federal do Pará – UFPA
Profª Drª Heloisa Helena Siqueira Correia
Universidade Federal de Rondônia – UNIR
Prof. Dr. Hugo Leonardo Pereira Rufino
Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Campus
Uberaba, Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico
Profª Drª Jáima Pinheiro de Oliveira
Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação – UFMG / FAE

Profª Drª Jucelia Linhares Granemann
Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul – Campus de Três Lagoas – UFMS
Profª Drª Juliane Aparecida P. P. Campos
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Profª Drª Layanna Giordana Bernardo Lima
Universidade Federal do Tocantins – UFT
Prof. Dr. Lucas Farinelli Pantaleão
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Prof. Dr. Luis Carlos Paschoarelli
Universidade Estadual Paulista – Unesp / Faac
Profª Drª Luzia Sigoli Fernandes Costa
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Profª Drª Marcia Machado de Lima
Universidade Federal de Rondônia – UNIR
Prof. Dr. Marcio Augusto Tamashiro
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins – IFTO
Prof. Dr. Marcus Vinícius Xavier de Oliveira
Universidade Federal de Rondônia – UNIR
Prof. Dr. Mauro Machado Vieira
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Prof. Dr. Osvaldo Copertino Duarte
Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Editor da Editora De Castro: Carlos Henrique C. Gonçalves

Projeto gráfico e capa: Carlos Henrique C. Gonçalves

Fotos para capa: Marcelo Sampaio / @luzesdemarília

Revisão de textos/normalizações (ABNT): Francisco Antonio Soria Martins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

M386 Martins, Francisco André Silva.

A voz do estudante na educação pública : um estudo sobre participação de jovens por meio do grêmio estudantil [recurso eletrônico] / Francisco André Silva Martins. — 1. ed. — São Carlos : De Castro, 2022.

Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5854-618-4

1. Associações estudantis – Brasil. 2. Movimentos estudantis – Brasil. 3. Estudantes – Atividades políticas – Brasil. I. Título.

CDD 371.810981

DOI: 10.46383/isbn.978-65-5854-618-4

Todos os direitos desta edição estão reservados a Francisco André Silva Martins. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Editora De Castro
contato@editoradecastro.com.br
editoradecastro.com.br



*Uma das condições necessárias a pensar certo é não
estarmos demasiado certos de nossas certezas*

Paulo Freire

Agradecimentos

Na época das grandes navegações, em que alguns ainda acreditavam que a terra era plana, que o mar fervia e servia de moradia aos monstros marinhos, os navegadores fizeram uso de ferramentas, como o astrolábio e a bússola, para se orientarem em um dos maiores empreendimentos da humanidade. Assim como aqueles navegadores, eu, também, contei com o auxílio de várias pessoas, que nos momentos mais difíceis dessa caminhada, me serviram de bússola ao mostrar o norte. Diante da concretização da empreitada, de uma dissertação que se torna livro, nada mais justo do que agradecer a quem de direito:

Ao Prof. Dr. Juarez Tarcísio Dayrell, pelo labor da orientação cuidadosa, pela dedicação e disponibilidade, por nunca negar seu tempo (às vezes, tão escasso), por me fazer entender os meandros da pesquisa acadêmica, por me auxiliar no processo de apara das minhas arestas;

Ao Prof. Dr. Geraldo Leão, pela humildade no trato com os alunos, pelas conversas e orientações que muito ajudaram nesse caminhar;

À Prof^a Dr^a Nilma Lino Gomes, pelas palavras de carinho e incentivo, bem como, pelas orientações informais que sempre nos ajudaram a superar obstáculos e perceber novos caminhos possíveis;

À Prof^a Cláudia Ocelli, minha professora na educação básica e que hoje, como companheira na universidade, faz a apresentação desse livro.

A Luci Maria da Silva, minha mãe do coração, mulher forte, forjada em aço, que me proporcionou a construção de um caráter reto;

À minha avó Ninica, que na sua simplicidade é o maior exemplo de que humildade não faz mal a ninguém;

A Gabriel, meu filho, a quem só posso pedir desculpas pela falta de tempo e oferecer minha amizade e amor eterno;

A Ana Amélia de Paula Laborne, uma colega, uma amiga, uma companheira nos momentos difíceis;

A meu pai, José Pedro (Pepê), um lutador, que com sua ortodoxia, às vezes questionável, possibilitou aos filhos vitórias importantes (in memoriam);

Aos meus irmãos, Cor Maria, Karine e Kiko, fonte de amor fraterno, que souberam suprir minha ausência nos cuidados com nosso pai;

A Nina, pessoa a quem agradeço a atenção e os cuidados com meu pai;

A Hasla, amiga e colega de mestrado, pela ajuda nas dificuldades vividas no decorrer do processo;

Àqueles a quem tive a oportunidade de conhecer e me tornar amigo em função do mestrado: Renatinha, Sheyla, Alex (o carioca mais mineiro que já conheci), Rodrigo, Zê, Simone, Oziel, Fernandinha, Mariana, Saulo, Mauro, Cris, Camilinha, Miguel, Heli e Liliane;

A toda a equipe do *Observações* (Observatório da Juventude e Ações Afirmativas). Nossa luta é árdua, mas vale a pena;

A toda a equipe da Secretaria da Pós-graduação FaE-UFMG;

Aos amigos de caminhadas anteriores, Graduação e Especialização: Paula, Ricardo, Ângelo (in memoriam), Celma, Carol, Netinha, José Humberto, Ana Paula e Hilma;

A todos os abnegados profissionais da Escola Estadual Professora Vera Maria Rezende, em especial à Valéria que muito nos ajudou nos trâmites burocráticos;

À Secretaria Estadual de Educação, pela concessão da licença para conclusão dos estudos;

A todos os professores, direção, pedagogas, estudantes, disciplinários, que me ajudaram muito e facilitaram minha caminhada na escola estudada. Vocês foram o ponto chave para o êxito desta pesquisa;

A todos os meus alunos, que, na sala de aula, ou fora dela, nos mais diversos níveis (Educação Básica, Pré-vestibular, Graduação e Extensão), tiveram a oportunidade de dividir comigo suas angústias na tentativa ininterrupta de caminhar na busca pela construção do conhecimento.

Sumário

Apresentação	11
1	
Considerações iniciais	17
2	
Jovem, trabalhador e estudante	29
3	
Participação e movimentos sociais	49
4	
A escola, os jovens e o grêmio estudantil	79
5	
A participação dos jovens: entre experiências e significados	117
Considerações finais	167
Referências	173
Índice remissivo	181

Apresentação

No Brasil, ainda é incomum acompanharmos a trajetória escolar de um jovem filho de trabalhadores, da educação básica ao ensino superior. Mais raro a oportunidade de compartilhar com ele o que produziu em uma pesquisa de pós-graduação refletindo sobre a própria condição juvenil. Este é o presente desta produção. Especialmente para mim, que tive a oportunidade de conhecê-lo desde a adolescência, quando estudante do ensino fundamental e encontrá-lo, alguns anos depois, como professor universitário, colega de trabalho.

Um presente carregado de história, de memórias e de lutas. Luta pela escola, quando fazíamos caminhadas pelo bairro Riacho, em Contagem, exigindo do poder público a construção do prédio da E.M. “Carlos Drummond de Andrade”. Enfrentando conflitos, como quando coabitávamos o espaço escolar de outro bairro e os jovens daqueles territórios sentiam-se afrontados pelos “invasores do centro”. Acompanhando suas travessuras, inquietações e alegrias com os torneios escolares e atividades culturais.

Depois de um tempo, trabalhando como gestora de uma Fundação de Ensino Pública, o inesperado encontro com um jovem professor de História, solicitando autorização para realizar entrevistas e observações com estudantes do ensino médio, coletando dados de sua dissertação de mestrado. E qual era o tema? A participação dos jovens no grêmio estudantil.

A temática das juventudes sempre nos aproximou, assim como a participação nos movimentos sociais. Encontros fortuitos nas ruas e em várias ações do Observatório da Juventude/OJ UFMG. Até que, em 2017, deparamos na sala de medicina do trabalho, no momento em que éramos avaliados para assumir um cargo público na Universidade do Estado de Minas Gerais. E qual disciplina escolheu desenvolver: a sala de aula como espaço social.

Neste livro observamos alguns momentos definidores destas escolhas. Destaco a passagem em que Francisco relembra sua participação nas lutas pelo “impeachment” do presidente Fernando Collor de Melo, em 1982. As primeiras reuniões, passeatas e tentativas de mobilização dos colegas de ensino médio. A advertência da escola tentando impedir uma paralisação. E aponta suas inquietações: “escola que pregava a educação para sermos cidadãos nos impedia, de certa forma, de exercer a cidadania. Em que poderia prejudicar os planos escolares a perda de um dia de aula? Essa, também, não seria uma experiência educativa? Quanto se poderia

proporcionar àqueles jovens, em matéria de experiência de vida, convivência com os atores políticos de sua cidade naquele momento?”.

Referenciado por autores que enfatizam a relevância da relação produção acadêmica com a realidade social, Francisco apresenta várias experiências vividas, como estudante e professor, que suscitaram as questões fundantes deste estudo: Os estudantes de hoje seriam menos participativos do que as gerações anteriores? O grêmio estudantil pode ser uma ferramenta de participação do estudante na escola? Quais as características dessa agremiação? Como funciona o grêmio estudantil? Qual sua influência na dinâmica da escola? As experiências proporcionadas pela atuação no grêmio influenciam no processo de formação escolar dos jovens envolvidos? Quais as motivações dos jovens para se envolverem com a participação? Como se dão as relações no processo participativo? Há alguma relação entre os aprendizados decorrentes da participação e a vivência dos jovens na escola?

Partindo do pressuposto de que a “participação é constitutiva na formação dos sujeitos e que as vivências participativas nos espaços escolares são tão formativas quanto a construção de outros conhecimentos e saberes escolares”, Francisco realiza um Estudo de Caso com observação participante acompanhando o cotidiano de seis jovens representantes do Grêmio de uma escola municipal de Ensino Médio em Contagem.

Nosso contato inicial com os **jovens, trabalhadores e estudantes** é possibilitado por uma interessante descrição das trajetórias dos participantes da pesquisa. Procurando realizar uma “*sociologia da escuta*” (MELUCCI, 2004), Francisco parte dos depoimentos para descrever as vivências e experiências cotidianas dos jovens ao mesmo tempo em que apresenta uma discussão em torno das questões relacionadas à categoria juventude e suas formas de se vivenciar a condição juvenil na sociedade atual. Temas como o *processo de individuação* (MELLUCI, 2004); os impactos dos *tempos monocromáticos e policromáticos* (PAIS, 2005); as diferentes dimensões da *sociabilidade* (SIMMEL, 1983) e da *condição juvenil* (DAYRELL, 2005) são tratados em diálogo com diferentes autores. O processo de identificação juvenil é reconhecido como “caleidoscópico, mutável, momentâneo” e a multiplicidade de papéis e grupos aos quais os jovens pertencem sinalizam momentos singulares gerando inquietações, especialmente relativas a “continuidade da construção do “Eu”, no tempo e dos limites desse mesmo “Eu”, em contraposição ao “Outro”.

A dinâmica constitutiva do *Eu*, *Outro* e o *Nós* é adensada conceitualmente nas reflexões sobre **participação e movimentos sociais**. A participação juvenil, institucional ou não, é compreendida em suas singularidades e especificidades. Aqui, a participação se refere à ação vinculada ao pensar e

ao sentir. Implica pertencimento e disputas de interesses distintos que podem desdobrar em conquistas e o estabelecimento de interesses comuns. Utilizando o termo *Participação Social da Juventude*, Francisco detalha diferentes contextos de atuação do jovem envolvido com o grêmio escolar, demonstrando que esta participação ultrapassa a convivência e a adequação às regras e estruturas da instituição escolar. Questiona a representação da juventude como alienada e desinteressada, apoiando-se nos estudos de Sposito (1997, 2000), Dayrell (2003, 2007), Abramo (2004) e Abad (2004). Destaca ainda as dimensões formativas da participação juvenil, apontando que a mesma está ligada fortemente a um processo de aprendizagem no qual o “sujeito passa a acreditar em função da experimentação”. Daí a relevância da escola como espaço de formação participativa a partir a vivências singulares como visitas, excursões, trabalhos de campo, debates, seminários, teatros, festivais de música, dentre outras. Estas análises são corroboradas pela pesquisa “Juventude Brasileira e Democracia – participação, esferas e políticas públicas”, desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE, 2006). O estudo revela os caminhos possíveis para as atividades participativas dos jovens: a política, o voluntariado e a atuação em grupos juvenis diversos, concebido como genuíno e potencializador das ações coletivas e formação individual.

Refletindo sobre os impactos da contemporaneidade nos movimentos sociais Francisco apoia-se em Melucci (1989, 2001, 2004) para tratar das novas dinâmicas do tempo e do espaço e seus efeitos nas interações com os sujeitos. Analisa como a cisão espaço/tempo e situação/lugar interfere nas formas de se viver a condição juvenil na atualidade. Ao mesmo tempo, aborda a natureza polissêmica do conceito de movimento, enfatizando as transformações profundas do modelo organizativo de enfrentamento dos conflitos nas sociedades complexas, especialmente a relevância das redes de solidariedade que possibilitam que os atores se reconheçam e sejam reconhecidos como parte de uma unidade social.

A construção da *identidade coletiva* e a potencialidade de uma educação para o inconformismo, nomeada como Pedagogia do Conflito por Boaventura Santos (1996), também nortearam a análise das experiências participativas ocorridas por meio do grêmio estudantil no cotidiano de uma escola estudada. Ao descrever a escola, os jovens e o grêmio estudantil, Francisco detalha primorosamente aspectos observados quanto à estrutura da escola, seu funcionamento, a organização das atividades e as relações estabelecidas entre os jovens gremistas e os demais estudantes e profissionais da escola. Procura reconhecer, como aprendemos com o professor Juarez Dayrell, as formas de expressão destes jovens, dando visibilidade à dimensão simbólica e expressiva que utilizam para se comunicar e se posicionar diante de si mesmos e da sociedade.

É partir desta teia de **experiências** e **significados** que Francisco identifica os diferentes sentidos atribuídos pelos jovens à participação. Para tanto, registra situações observadas nas experiências participativas vividas pelos jovens na escola e fora dela. No âmbito escolar são discutidas as relações dos gremistas com a direção, no intuito de analisar algumas dinâmicas da gestão escolar e possíveis avanços na participação dos estudantes nos processos de tomada de decisão. Os conflitos e divergências apontados revelaram ainda os desafios das “relações intergeracionais”, descritas por Juarez Dayrell (2007), alertando para a “intensidade desigual da relação de poder estabelecida entre os mais velhos e os mais novos”. O mesmo irá ocorrer nos encontros do Colegiado Escolar. Alguns entrevistados ressaltam as contradições deste espaço deliberativo, uma vez que, apesar do direito de fala, sua voz e suas propostas não são “validadas” pelos adultos, evidenciando que “a presença na reunião não parece garantir de participação e representação”. Apesar destes conflitos também se manifestarem na relação com alguns professores, os jovens valorizam e respeitam os educadores. Reconhecem seu interesse, o esforço em promover um ambiente dialógico na sala de aula e as iniciativas de aproximação com a realidade vivenciada pelos jovens fora dela.

São nos tempos e espaços “não formais”, organizados pelos próprios jovens, ou que ocorreram fora da escola, que a participação juvenil assume novos contornos. Aprendendo com planejamento, organização e execução de projetos (como o lual e trabalhos de campo), ou em atividades culturais como festa junina. No entanto, outros eventos se tornam emblemáticos e potencializadores da efetiva participação do grêmio. O fio condutor são as mudanças institucionais na Fundação que impactariam no acesso ao ensino médio e na carreira docente. Um problema concreto que mobiliza os jovens em movimentos como “Abraço à escola”, audiência com a presidenta da Fundação e participação na passeata dos professores. A construção de redes, as estratégias de comunicação, o uso das tecnologias virtuais (*Orkut* e *MSN*), a elaboração da logística dos eventos, as negociações com os gestores e demais estudantes, a relação com o movimento estudantil secundarista, a participação em atos públicos e conferências são processos formativos descritos por Francisco e delineados como constitutivos dos significados atribuídos à escola e a participação em si.

A luta pela escola contribuiu para o reconhecimento da importância desta instituição em suas vidas e para a comunidade. Neste ponto eles destacam a formação, o aprendizado, as diferentes vivências, a perspectiva de um futuro melhor e, especialmente, o encontro com novas amizades. Já a participação, especialmente no grêmio, é reconhecida como uma “ferramenta promotora de igualdade”, uma vez que o ato de participar “expressa

poder, direito do estudante de se posicionar diante do que ocorre na escola”. Algumas contradições entre estes significados e as práticas cotidianas dos jovens também são reveladas por Francisco, explicitando dissonâncias entre as suas formas de atuação e a lógica escolar.

Ao captar estes movimentos e acolher estes significados, Francisco escuta as vozes que se propõem a ouvir. Aquelas que alguns consideram silenciadas, despreocupadas com a sociedade e com o futuro. Aquelas que parecem consumidas pelo individualismo da pós-modernidade. Elas estão **presentes**, concretas, diversas, plurais. Desejam o encontro, o afeto, a brincadeira, o cuidado. Uma vida digna para si e para o outro, que somente é possível quando compartilhada por nós.

Cláudia Ocelli

Faculdade de Educação

Universidade do Estado de Minas Gerais

1

Considerações iniciais

No que se refere à educação, atualmente alguns setores da sociedade têm um olhar apocalíptico, que considera a instituição escolar perpassada por uma grave crise que a incapacita de resolver as questões inerentes ao processo educacional. Concomitantemente, as representações em torno dos jovens estudantes que frequentam as escolas não são das melhores: bagunceiros, baderneiros, drogados, desinteressados, incapacitados de se adaptarem ao convívio social, dentre outras representações. As imagens criadas em relação à escola e aos estudantes de antigamente já não condizem com a realidade dos nossos tempos. Elas se quebraram. Nesse sentido, novos papéis e novas imagens são necessários para que a educação cumpra sua função (ARROYO, 2005).

Diante dessa situação conturbada, a presente pesquisa objetiva, principalmente, estudar as experiências participativas vividas cotidianamente pelos jovens estudantes pertencentes ao grêmio estudantil de uma escola pública municipal de ensino médio. O intuito é de analisar a participação dos jovens gremistas na escola, bem como, as relações estabelecidas na escola para com professores, direção e demais colegas. No mesmo sentido, espera-se buscar entender os significados e as possíveis aprendizagens inerentes ao processo. Diante desse cenário e das representações construídas em relação à juventude e a escola, a realização da pesquisa demonstra sua relevância.

A motivação maior do pesquisador fundamenta-se em inquietações que lhe possibilitariam a obtenção de novos conhecimentos (ECO, 1985). Sob esse prisma, a pesquisa científica se torna mecanismo fundamental para o aprimoramento das questões referentes à educação. Este trabalho nasce de experiências vividas no interior de escolas públicas onde alguns professores, ao tratarem das possibilidades de participação dos jovens na escola, sempre diziam: “hoje em dia esses meninos não querem nada com a dureza, juventude participativa era a de antigamente, que ia para a rua, que revolucionava. Hoje, isso acabou. O jovem não se interessa por participar de nada, então, como alguém vai pesquisar algo que não existe?”. Tais posicionamentos aguçaram o interesse pelas questões relacionadas à

participação dos jovens na escola, foco central desta pesquisa de mestrado. Em relação a isso, é fato que os grêmios estudantis não são uma realidade hegemônica nas escolas públicas, porém, essa baixa incidência pode sinalizar que, se o objetivo for estudar essa participação em suas singularidades, há que se partir de uma escola onde ela efetivamente esteja acontecendo.

Em relação a minha experiência de vida como estudante, a oportunidade de participação nem sempre foi algo aceitável pela instituição escolar, o que, algumas vezes, fez com que se confundisse um estudante participativo com um estudante indisciplinado. Na educação básica, especificamente, ao cursar o 1º ano do ensino médio, passei por minha primeira experiência participativa no contexto escolar e também pelas consequências advindas dessa participação. O ano era 1992, e a situação política do país girava em torno de denúncias de corrupção contra o então presidente da República, Fernando Collor de Melo. Um escândalo que mobilizou todo o país em torno de um possível *impeachment* do presidente. A convite da professora de história, eu e mais alguns colegas fomos a uma reunião no auditório de uma igreja. Várias pessoas dos movimentos sociais, partidos e sindicatos ali se encontrariam para discutir a situação política do país.

Em suma, fui à reunião, me senti bem em tal ambiente e fiz uso da palavra para externar meu descontentamento com os acontecimentos atuais no Brasil. Na reunião ficou marcada uma passeata, e cada pessoa presente deveria mobilizar mais pessoas. O grande problema estava no horário que era o mesmo em que estudávamos. Cheguei à portaria da escola e, juntamente com alguns colegas, mobilizei outros estudantes para o evento. A supervisão da escola, sabendo do que estávamos propondo – ou seja, nos abstermos da aula para ir à passeata – proibiu a saída dos alunos que já haviam entrado na escola. Resumindo: alguns estudantes abriram mão das aulas para ir à passeata, que, em minha opinião, muito agregou em nossa experiência como cidadãos. Eu, que fui tido como um dos idealizadores da “má conduta”, arqueei com uma advertência. Pareceu-me paradoxal tal fato, pois a escola que pregava a educação para sermos cidadãos nos impedia, de certa forma, de exercer a cidadania. Em que poderia prejudicar os planos escolares a perda de um dia de aula? Essa, também, não seria uma experiência educativa? Quanto se poderia proporcionar àqueles jovens, em matéria de experiência de vida, a convivência com os atores políticos de sua cidade naquele momento? Assinei minha advertência, mas esta inquietação me acompanhou pelo resto de minha vida estudantil.

Já na Educação Superior, a escolha do curso de História se deu pelo meu vínculo e interesse crescente pelas questões sociais. Na faculdade, tive a oportunidade de atuar efetivamente no movimento estudantil, como diretor de assuntos acadêmicos no Diretório Acadêmico do curso de His-

tória do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH. A atuação no movimento me proporcionou experiências ímpares, conheci pessoas diferentes e que professavam as mais variadas visões sobre a sociedade e seus dilemas. Muitos encontros, viagens e perda de aulas para militar pelo diretório acadêmico. Éramos vistos, por alguns professores, como baderneiros que passavam em sala para conturbar o ambiente da faculdade, que faziam paralisações pela diminuição do preço da mensalidade e que somente conseguiam causar confusão no ambiente acadêmico. É fato que alguns estudantes têm dificuldade de militar e estudar, o que pode prejudicar sua formação, contudo, generalizar é algo que pode não contemplar tal experiência em toda sua riqueza.

Após me formar, o caminho foi a atuação nas escolas públicas da rede estadual de ensino, principalmente, por meio de designação. Como professor, do outro lado da fronteira, as experiências em escolas estaduais, nos últimos anos, possibilitaram-me a detecção de possíveis contribuições a serem feitas no que se refere à participação do estudante e suas formas de se representar e ser ouvido. A disciplina História tem uma característica particular: muitas vezes ao estudar movimentos sociais contestatórios, ela pode funcionar como um gatilho e despertar nos alunos uma necessidade de discutir as mais variadas situações, e, dentre essas, as situações do cotidiano escolar não ficam de fora.

As discussões em sala demonstraram que grande parte dos alunos não só se interessa pelas questões participativas, como está propensa a participar. Nesse sentido, concordamos com Arroyo (2005), ao entender que a escola não mais comporta papéis coadjuvantes para os estudantes, dada a importância de conhecer nossos alunos em suas trajetórias raciais, de gênero, étnicas e de classe, ou seja, em sua vida.

As experiências vividas, como estudante e professor, suscitaram questões que foram base para a caminhada no percurso da pesquisa de mestrado. Os estudantes de hoje seriam menos participativos do que as gerações anteriores? O grêmio estudantil pode ser uma ferramenta de participação do estudante na escola? Quais as características dessa agremiação? Como funciona o grêmio estudantil? Qual sua influência na dinâmica da escola? As experiências proporcionadas pela atuação no grêmio influenciam no processo de formação escolar dos jovens envolvidos? Quais as motivações dos jovens para se envolverem com a participação? Como se dão as relações no processo participativo? Há alguma relação entre os aprendizados decorrentes da participação e a vivência dos jovens na escola?

Os objetivos almejados diante das questões levantadas perpassam a análise da participação dos estudantes gremistas no cotidiano escolar. Nesse sentido, espera-se identificar as formas de organização estudantil, as

ferramentas de ação na escola, os principais grupos representativos e suas atividades no cotidiano escolar. Há que se refletir, também, em que medida a participação do estudante por meio de grêmios pode influenciar na relação estabelecida entre o aluno e a escola. Além disso, é importante buscar entender o contexto em que se dão as relações sociais escolares em torno da participação, envolvendo os estudantes, professores e a direção da escola.

A razão fundamental de uma pesquisa científica não está, exclusivamente, nas possíveis contribuições para a comunidade acadêmica. Tão importantes quanto as contribuições para a academia são os reflexos da pesquisa no seio da própria sociedade na qual se encontra inserida. Diante do exposto, entendemos que a relevância do presente trabalho se reflete na busca por estudar “processos reais que constroem a escola ou que permitem a constituição de sujeitos e ações coletivas nos movimentos sociais”, nesse sentido, “é preciso incorporar novas categorias de análise” (SPOSITO, 2006, p. 97).

Tais questões são colocadas em um momento em que os jovens se mostram potencialmente propensos a praticar aquilo que seria a premissa da instituição escolar, a busca pelo exercício da cidadania. Esses jovens têm desejos e são movidos por eles, “a trajetória dos jovens nos mostra que eles se constroem como sujeitos sociais numa complexidade de espaços e tempos, estabelecendo múltiplas relações a partir de seu meio social” (DAYREL, 2005, p. 285).

Nos caminhos da pesquisa, em um primeiro momento, o objetivo foi buscar, junto à produção acadêmica, trabalhos que tivessem alguma relação com o tema em questão. Em se tratando do jovem e seu papel no processo de modernização social, esse surge como “tema no bojo das preocupações com as questões colocadas pelo processo de modernização desencadeado nos anos 50” (ABRAMO, 1994, p. 22). Os jovens de classe média são vistos com maior propensão à participação nas relações sociais e simbólicas do mundo moderno. Nesse aspecto, se destacam como grupo social. Já os jovens das classes populares são vistos como “marginalizados”, ou seja, à margem da própria condição juvenil. De acordo com Abramo (1994, p. 23), nesse referido contexto, “de qualquer ângulo sob o qual seja analisado, o jovem aparece como sujeito em busca de mobilização e de mudança social”.

No Brasil, destacamos os estudos de Marialice Foracchi (1972, 1977, 1982) que, na década de 70, tinha, como proposta central de seu trabalho, o estudo e análise dos movimentos estudantis. O movimento é visto pela autora como a forma predominante de rebelião juvenil. Ela salienta que seus estudos se relacionam com uma juventude específica, jovens que vivem em centros urbanos, membros, em sua maioria, da classe média, que têm uma condição privilegiada por conseguir galgar a formação universitária.